

“CULTURA DE RUA, POESIA SE MANIFESTA: SLAM DIVERSA”: GINCANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA NA ESCOLA

“STREET CULTURE, POETRY MANIFESTS: DIVERSE SLAM”: BLACK CONSCIOUSNESS
GYMNCANA AT SCHOOL

 <https://orcid.org/0000-0002-3829-3246> Karoline Hachler Ricardo^A

 <https://orcid.org/0009-0000-1601-4077> Thiago de Oliveira^B

 <https://orcid.org/0009-0008-4510-4993> Ranyane Costa Fernandes^C

 <https://orcid.org/0000-0001-7825-0358> Elisandro Schultz Wittizorecki^D

^A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil

^B Governo do Estado do Rio Grande do Sul (Gov RS), Porto Alegre, RS, Brasil

^C Pretas de Favela (PF), Porto Alegre, RS, Brasil

^D Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil

Recebido em: 22 de julho de 2024 | Aceito em: 19 de novembro de 2024

Correspondência: Karoline Hachler Ricardo (karolinehachler@gmail.com)

Resumo

Este estudo tem o objetivo de analisar e discutir as potências do ensino e da aprendizagem com e pela arte na escola através da manifestação artística e cultural periférica do Slam. Para tanto, discorre sobre os acontecimentos da manhã integrativa da Gincana da Consciência Negra na Escola Abya Yala que possibilitaram à comunidade escolar, tanto atravessar a temática do racismo estrutural como experimentar o corpo no centro do processo educativo por meio do Slam. Compreendemos que apesar dos processos de colonialidade na educação interferirem nos sujeitos de modo a silenciar os saberes-fazer produzidos a partir da corporeidade, a experiência com o Slam mostrou que é possível (e potente) ensinar e aprender com e a partir de corpos encantados pelo desejo de presença, envolvidos com a dimensão sensível, estética e afetiva do mundo vivido, e que estão envoltos na reflexividade, na circularidade e na reversibilidade de sentidos.

Palavras-chave: Consciência Negra; Slam; Educação Física Escolar; Decolonialidade; Interculturalidade.

Abstract

This study aims to analyze and discuss the powers of teaching and learning with and through art at school through the peripheral artistic and cultural manifestation of Slam. To this end, it discusses the events of the integrative morning of the Black Consciousness Gymkhana at the Abya Yala School that enabled the school community to both cross the theme of structural racism and experience the body at the center of the educational process through the Slam. We understand that despite the processes of coloniality in education interfering with subjects in order to silence the know-how produced from corporeality, the experience with Slam showed that it is possible (and powerful) to teach and learn with and from bodies enchanted by the desire for presence, involved with the sensitive, aesthetic and affective dimension of the lived world, and who are involved in reflexivity, circularity and reversibility of meanings.

Keywords: Black Consciousness; Slam; School Physical Education; Decoloniality; Interculturality.



Apontamentos iniciais

Eu vejo o tempo passando. Eu vejo as coisas mudando. Eu sou a preta do ano. Vejo os racistas chorando. Meu único vício são linhas com impacto. Resgatar a menina feliz que escrevia contos em seu quadro. É que hoje, eu dou valor pro meu progresso. Foram me chamar, eu estou aqui o que que há. Eu vim de lá, eu vim de lá. Berço de humanidade, cultura que tentaram me tirar. De livros em livros, você construiu essa monarquia por cima dos nossos sangues e ossos. Seu erro, foi nos deixar vivos. Pensar que não revidaríamos? E eu revidei; e eu estou armada. Assalto? A mão letrada. Enriquecendo a qualidade de ensino. Cultura de rua mostrando as suas belezas; e também seu lado sujo. Querem que eu só fale de racismo, mas não aguentam quando a pauta é Afrofuturismo. É que a Afrocentricidade é uma abordagem para a paz no mundo. E eu só vou seguir. Eu vou seguir vários caminhos e me permito em um deles me perder. Encontrar a fonte disso Djavan. Reconstruindo as ruínas do meu castelo até o amanhecer. Se eu não parar de chorar. Eu vou plantar e crescer. Deixar ferida curar. E eu? Quem sempre escreveu poesias e poemas, palavras posteriormente paradas com os paradigmas paralelos. Perguntas por lutas: Por quê? Para que? Percebi, pereci, pareci por aqui, perante, presente, por princípios parecidos e... Mil nações, moldaram minha cara. Minha voz, uso pra dizer o que se cala. A Restinga, o meu corpo, o meu país, é meu lugar de fala. Tô cansada de falar de racismo. Preto não é Wikipédia. Até quando que isso não vão entender? Tô cansada de explicar que eu faço aula, que eu faço palestra, e mesmo assim me sinto falando com Etês. Então se é assim? Adeus terráqueos. Vocês só querem falar de falsas verdades. Não de mitos. Pois bem, eu sou o mito que vos fala, então digo-lhes adeus. E mesmo do avesso, eu escrevo. E isso, é só um detalhe. Então vos apresento, prazer Afroblack, mais uma sobrevivente diante de tanta barbárie (Afroblack Slam Diversa¹, 23/11/2023)

No dia 23 de novembro de 2023, a artista e poeta de rua Afroblack Slam Diversa, participou de uma manhã de integração sobre a Consciência Negra, contemplando as turmas de primeiro a nono anos do ensino fundamental da Escola Estadual Abya Yala², em Porto Alegre/RS, onde recitou e performou essa poesia com uma crítica evidente ao racismo estrutural brasileiro (OLIVEIRA, 2021).

Destacamos que essa manhã de integração sobre a Consciência Negra foi articulada no contexto da pesquisa-ação participante³ (LANETTE, 2022) do percurso de mestrado da primeira autora, pesquisadora e professora de Educação Física. Tal pesquisa intencionava uma proposta político-pedagógica de Educação Física inspirada nos pressupostos da decolonialidade e da interculturalidade (WALSH, 2019) com a turma do sexto ano do turno da manhã da escola.

¹ Nome fictício para preservar a identidade da participante (e também autora) deste estudo.

² Nome fictício para preservar a identidade da escola.

³ Aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Para Walsh (2019), uma educação inspirada na decolonialidade e na interculturalidade intenciona colocar na centralidade das suas preocupações uma práxis com princípios que venham a questionar as bases monolíticas, as práticas e os referenciais eurocêntricos que vêm constituindo o campo educacional na modernidade de modo hierarquizante para definir o que conta (ou não) como conhecimento válido, viável e possível.

Entendemos que tais perspectivas – decoloniais e interculturais – possibilitaram o acontecimento da Gincana da Consciência Negra na escola com a presença da Afroblack Slam Diversa, uma mulher negra do território Restinga, periferia de Porto Alegre/RS, que partilhou a sua arte e os seus saberes-fazer⁴ com a comunidade escolar Abya Yala.

Neste estudo, portanto, nos propomos a analisar e discutir as potências do ensino e da aprendizagem com e pela arte na escola através da manifestação artística e cultural periférica do Slam. Para tanto, partimos do entendimento de arte da atriz, dramaturga e diretora Grace Passô, que em uma conversa na Revista TPM (PASSÔ, 2019), narrou que arte, para ela, é o que mobiliza e expande a sensibilidade, ou seja, é “aquilo que nos lembra que existem coisas que ainda não existem e que podemos inventar”, pelo gesto, pelo movimento e pela palavra.

Palavra essa que compreendermos ser “corpo, presença e instauração do acontecimento em si”, onde tanto cabe como se inventa o mundo (RUFINO, 2021, p. 52). Palavra que é ação e é significação produzida pela práxis, cuja discursividade flui da historicidade e não assinala um pensamento separado da existência (FREIRE, 2014).

O Slam trata-se de uma competição com e pela arte, produzida com e pela poesia falada, portanto, com e pela palavra, em que poetas interpretam seus versos, fazem gestos, performances, por vezes cantam, quase sempre sobre temas que evocam luta e resistência, para, em seguida, serem aplaudidos(as) pelo público que os(as) assiste e avaliado(as) por jurados(as) com notas de zero a dez. Para além da competição, o Slam no Brasil é vivido, por quem dele participa, como um espaço livre, educativo e democrático de encontro, de fala e de escuta, cujos temas, que evocam luta e resistência, invariavelmente abordam questões de gênero, raça, urbanização e marginalização das periferias (SANTOS, 2023).

Nesse movimento, o Slam se consolidou como um espaço para transformar o sentimento de inconformidade em arte, sendo, ao mesmo tempo, uma intervenção artística, uma performance visual, literária e teatral, assim como um movimento de “luta contra as imposições

⁴ Saberes-fazer^{es}, neste estudo, pretende dialogar com a noção de corpo compreendida por Pereira *et al.* (2017), enquanto uma expressão de unidade do ser em sua realidade existencial. Nesse sentido, um saber supostamente intelectual não está dissociado do fazer ação corporal.

da sociedade e do poder público, de resignificação da periferia e do ser periférico e um meio de sobrevivência ao descaso vivenciado” (FERREIRA, 2022, p. 36).

Destacamos que a manhã de integração sobre a Consciência Negra aconteceu no formato de Gincana, sendo pensada e organizada pela pesquisadora e professora de Educação Física do sexto ano (primeira autora), em parceria com o professor de Educação Física dos anos iniciais do ensino fundamental (segundo autor) da escola, um homem negro e atuante nas pautas antirracistas na escola.

As tarefas da Gincana tinham o objetivo de aproximação dos(as) estudantes: (a) ao continente africano – a heterogeneidade do continente, formado pelos seus 54 países, com diferentes línguas, costumes, culturas, identidades –, (b) a diferentes personalidades negras brasileiras e de outros territórios do mundo e (c) ao Slam enquanto uma arte que convoca narrativas e estéticas (MATTOS, 2021) que perturbam a organização e a estrutura do pensamento colonial, que há bastante tempo vem categorizando corpo e mente de forma separada, priorizando os aspectos intelectuais nos processos de ensino e aprendizagem e silenciando os saberes-fazer produzidos a partir da corporeidade (PEREIRA *et al.*, 2017). Saberes-fazeresses que Rufino (2019) entende enquanto corpos encantados – que se inscrevem no tempo e espaço presente, que sabem da sua potência porque se (re)conhecem vivos e, portanto, estão imbuídos de força transformadora. Partilhando do entendimento de Pereira *et al.* (2017) e Rufino (2019), compreendemos que tal silenciamento afasta o corpo dos processos de ensino e de aprendizagem, produzindo corpos que estão em constante desencantamento, portanto, que estão restritos, subjugados, amarrados socialmente e são objetos de julgamento e de moralidade (XAVIER, 2024).

A Gincana da Consciência Negra, com a participação da poeta de rua Afroblack Slam Diversa, também autora deste trabalho, pretendia, nesse movimento, questionar e, de certo modo, romper esse silenciamento, promovido pelo pensamento colonial, de corpos encantados pelo desejo de presença (RUFINO, 2019), de saberes-fazeresses que se envolvem com a dimensão sensível, estética e afetiva do mundo vivido, e que estão envoltos na reflexividade, na circularidade e na reversibilidade de sentidos (PEREIRA *et al.*, 2017).

Este estudo, nessa perspectiva, tem o objetivo de analisar e discutir os acontecimentos da manhã integrativa da Gincana da Consciência Negra na Escola Abya Yala que possibilitaram à comunidade escolar, especialmente aos(as) estudantes e aos(as) professores(as), tanto atravessarem a temática do racismo estrutural (OLIVEIRA, 2021), como experimentarem o corpo no centro do processo educativo por meio da manifestação artística e cultural do Slam.

Percurso Investigativo

Este estudo está inserido no contexto de uma pesquisa-ação participante (LANETTE, 2022) com uma turma de sexto ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública de Porto Alegre/RS – Abya Yala –, realizada no ano letivo de 2023, entre os dias 23 de fevereiro e 21 de dezembro do referido ano.

Lanette (2022), ao debater sobre as complexidades, nuances e política das abordagens participativas de pesquisas acadêmicas, compreende a pesquisa-ação participante como um método de pesquisa decolonial, uma vez que traz como intencionalidade identificar, reconhecer e compreender as injustiças sociais do contexto no qual a pesquisa está inserida e, a partir daí, os(as) participantes movimentam-se na tentativa de negociar coletivamente ações possíveis para mudanças também possíveis da realidade identificada.

Destacamos que, para além de compreender as injustiças sociais do contexto da pesquisa, a escolha pela pesquisa-ação participante também foi um movimento que intencionou deixar explícito a valorização e reconhecimento das produções de conhecimento que são construídas a partir do território e dos movimentos sociais, neste caso o Slam, que com frequência não nos parecem ser valorizadas academicamente nas universidades e escolas.

No dia da Gincana da Consciência Negra – 23 de novembro de 2023 – essa dinâmica de ação coletiva, participativa e ativa das pessoas envolvidas possibilitou que o coletivo fizesse alterações nas estratégias da própria Gincana, a exemplo de seguir com a atividade de Slam e renunciar outras atividades planejadas, para que fosse possível atravessar os objetivos inicialmente pensados pelos(as) professores(as), em diálogo com os interesses dos(as) estudantes que foram por eles(as) sendo manifestados no próprio dia da Gincana.

Tudo isso a partir da questão do racismo estrutural que foi evidenciado na poesia falada de Afroblack, que passou a ser o fio condutor das dinâmicas posteriores da Gincana, replanejadas pelos(as) professores(as) de Educação Física com auxílio dos(as) estudantes na elaboração de novas e/ou outras maneiras de dar andamento nas atividades da Gincana, o que será analisado e problematizado no tópico de “análises e discussões”.

Destacamos que a Gincana da Consciência Negra aconteceu na manhã do dia 23 de novembro de 2023, entre as 8 e 12 horas, e contou com todas as turmas da escola do período da manhã, ou seja, do primeiro ao nono anos do Ensino Fundamental. Algumas atividades da Gincana – elaboração de poesias antirracistas e identificação das personalidades negras brasileiras e estrangeiras selecionadas pelos(as) professores(as) – foram realizadas novamente

com a turma do sexto ano na aula de Educação Física da pesquisa-ação participante, de modo que os(as) estudantes da turma pudessem escrever as suas próprias poesias, já que optaram por não participar dessa atividade no dia da Gincana.

Para produzir as informações deste estudo sobre a manhã integrativa da Gincana da Consciência Negra, utilizamos as Notas de Campo (BOGDAN; BIKLEN, 1994) da professora-pesquisadora, nas quais a mesma registrou seus sentimentos, sensações e percepções, reflexões, bem como narrativas e expressões dos(as) estudantes durante a manhã da Gincana.

Análises e Discussões

A Gincana da Consciência Negra consistiu no que entendemos por três acontecimentos/momentos, que estão diretamente relacionados aos três objetivos principais dessa atividade, mencionados nos apontamentos iniciais.

No primeiro acontecimento/momento, os(as) professores(as) de Educação Física formaram cinco equipes, com integrantes de todas as turmas em cada uma delas, as quais fizeram suas respectivas organizações internas para a escolha do país africano que gostariam de representar, o que realizaram a partir do mapa desse continente, em tamanho grande, produzido pelos(as) professores(as) de Educação Física. Na sequência, seus integrantes confeccionaram a bandeira do país escolhido em uma folha de cartolina, escolheram o nome da equipe e criaram seu grito de paz.

Destacamos que o único direcionamento dado com relação à organização das equipes foi o de que cada uma representaria um país africano. As demais escolhas foram realizadas em comum acordo pelos(as) participantes de cada uma das equipes. No entanto, como os(as) professores(as) de Educação Física já tinham anunciado que se tratava de uma Gincana sobre a Consciência Negra, somada ao contexto africano produzido intencionalmente pelos(as) mesmos(as), percebemos que a maioria dos nomes e dos gritos de paz das equipes estavam relacionados ou a algo da cultura do país escolhido, ou à temática da consciência negra e do antirracismo, conforme quadro abaixo.

Quadro 1: Equipes da Gincana da Consciência Negra

Equipe	País	Nome	Grito de Paz
Equipe 1	Angola	Kissângua	Angola (assovio)...
Equipe 2	Senegal	Os Misturados	Antirracismo é o nosso lema, o nosso grito, com os misturados unidos não há racismo, FOGO NOS RACISTAS!
Equipe 3	Gana	Estrelas	Nós temos gana pra vencer, gana pra lutar, a tropa da estrela que vai brilhar

Equipe 4	Tunísia	Mint Tea	Ih, ferrou, o quadrado já ganhou
Equipe 5	Chade	Chade	“Ê, Camela, ê Camela”

Fonte: Autores(as), 2024.

O terceiro acontecimento/momento consistiu em duas atividades relacionadas às personalidades negras selecionadas pelos(as) professores(as). Uma delas era o reconhecimento das personalidades negras, cuja fotos estavam numeradas e coladas em uma das paredes da escola, próxima ao pátio onde estava sendo realizada a Gincana. Para cumprir a tarefa foi permitido que os(as) estudantes utilizassem seus celulares para realizarem a pesquisa. Isso porque o objetivo da atividade era o de possibilitar que os(as) estudantes se aproximassem e (re)conhecem as personalidades negras.

A outra atividade estava relacionada à personalidade negra Michael Jordan, empresário e ex-basquetebolista estadunidense, amplamente reconhecido como o maior jogador de basquete de todos os tempos. Todos(as) os(as) integrantes das equipes tinham a chance de realizar um arremesso da bola de basquete em direção às cestas improvisadas com pneus dispostas no pátio da escola. Cada cesta equivalia a uma pontuação relacionada a um título de Michael Jordan, e a soma de todos os pontos compôs a pontuação das equipes.

Entre o primeiro e o terceiro acontecimento/momento, o segundo acontecimento/momento, foco deste estudo, foi a apresentação artística de poesia falada (Slam) da poeta de rua Afroblack Slam Diversa, e as posteriores atividades, tanto integrativas como competitivas, que do encontro entre poeta e público – estudantes e professores(as) – resultaram.

Destacamos que a Direção da escola apoiou a Gincana da Consciência Negra na instituição. No entanto, foram os(as) professores(as) de Educação Física que fizeram o investimento financeiro para o seu acontecimento, desde a produção de todos os materiais – mapa da África, cartolinas e giz de cera para a produção das bandeiras, cartazes com as pontuações da atividade de basquete do Michael Jordan, impressão colorida das 33 personalidades negras selecionadas, e o valor do cachê da artista e poeta de rua Afroblack Slam Diversa.

Sabemos que os recursos destinados para a educação pública no Brasil têm sido insuficientes para a necessária expansão e maior qualidade da educação escolar, o que tem se apresentado como uma constante no país há bastante tempo (SCHUCH, 2007). Oliveira (2002) aponta que as escolas públicas brasileiras têm sido caracterizadas pelo abandono e carência material, inclusive com profissionais da educação submetidos(as) à sobrecarga de obrigações e

de trabalho, sugerindo que “a falta de continuidade de uma política pública também interfere na construção do ensino de qualidade” (SCHUCH, 2007, p. 54).

Igualmente, ressaltamos nossa compreensão de que o investimento para atividades e ações em Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) é insuficiente para o fortalecimento do marco legal em ERER – Lei 10.639/2003 (Brasil, 2003) que tornou obrigatório o ensino da história e da cultura africana e afrobrasileira na educação básica – na maioria das redes de ensino deste país. Pesquisadores(as) no campo da ERER apontam há bastante tempo que existe uma “contradição estruturante entre Lei (discurso) e a Prática (recursos), quando se refere a questão racial” (JANUÁRIO, 2020, p. 137).

De fato, partilhamos do entendimento de Schuch (2007, p. 54) de que “carecemos de políticas de Estado para a educação”. Inclusive, percebemos que na Escola Abya Yala, para o acontecimento de algumas ações, a exemplo do que ocorreu com a “Campanha da Importância da Escovação” e da “Atividade Circense” no ano de 2023, a escola ou dependeu de que essas ações fossem realizadas de forma voluntária, ou que esse valor fosse arrecadado junto à comunidade escolar. Frigotto e Ciavatta (2003) entendem que tais campanhas apelativas – “adote uma escola” ou mesmo “voluntariado” – explicitam a substituição de políticas públicas que deveriam ser efetivas por campanhas filantrópicas, passando “a ideia equivocada da responsabilidade do Estado para com a educação pública e do papel do profissional em educação, como se a educação escolar pudesse ser efetuada por qualquer ‘pessoa de boa vontade’, possuidora de ‘sentimentos filantrópicos’” (SCHUCH, 2007, p. 22).

O ponto que queremos destacar é que, apesar de todas essas questões de precarização da educação pública, a Gincana da Consciência Negra aconteceu na escola. Porém, mesmo a direção da escola tendo manifestado apoio à atividade organizada e realizada pelos(as) professores(as) de Educação Física, a mesma não auxiliou com qualquer recurso financeiro, tampouco movimentou-se para arrecadar valores junto à comunidade escolar, como o fez nas outras atividades acima mencionadas. Nosso entendimento (e sensação) foi a de desvalorização da atividade, sugerindo que a pauta racial não deveria ganhar força na escola, mesmo com o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana sendo de caráter obrigatório nas escolas desde a implementação da Lei nº 10.639/03, que já está vigente há mais de 20 anos no Brasil.

Não precisamos de muito tempo, tampouco esforço para compreender a importância e, mais do que isso, a indispensabilidade de partilhas como essa, com a arte e pela pauta racial na escola. A Afroblack Slam Diversa se apresentou, conversou com os(as) estudantes sobre o Slam, sobre periferia e marginalidade, sinalizando que a “poesia marginal”, assim como a

“literatura marginal”, não se refere à marginalidade enquanto crime e/ou criminalidade, mas sim está vinculada e representa aquilo que está à margem da sociedade.

Oliveira (2018) compreende periferia enquanto território fluído e que transita entre diferentes bairros de uma cidade, possibilitando a percepção das desigualdades entre eles; ou seja, periferia não exclusivamente como um território que está em contraposição ao centro. Racionais MC's (2018), na mesma direção, entende que ao mesmo tempo em que é associada a violência e a pobreza, a periferia passa a ser vista também como uma potência de expressões artísticas, resistência e insurgência ao sistema genocida, que é, portanto, radicalizada e coletiva. Neste caso, compreendemos que quando Afroblack reforça “poesia e literatura marginal/periférica” não como sinônimos de criminalidade, e sim como algo que está supostamente à margem da sociedade, do centro, deixa evidente que as noções de “literatura” e de “poesia” não acompanhadas de “marginal/periférica” são noções elaboradas dentro de uma lógica eurocêntrica, neoliberal e universal que provocam a diferença colonial e o consequente distanciamento e exclusão do(a) colonizado(a).

A periferia e as pessoas que nela circulam – as pessoas negras, as indígenas, as que sofrem opressões de gênero e sexualidade, entre outras – são cotidianamente submetidas a processos de exclusão e marginalização. Souza (2016) chama-as provocativamente de “ralé brasileira” – parcela da população que está distanciada das benesses do capital e do Estado, mas que ao mesmo tempo é (a principal) responsável pela geração do primeiro e manutenção do segundo.

É importante destacar que a marginalidade na sociedade contemporânea não é produto apenas da dimensão étnica ou econômica dos indivíduos, mas tende a ser um produto destas associadas a outros fatores, tais como ocupação, escolaridade, local de moradia, entre outros. Isto ocorre porque o fenômeno da marginalidade é decorrente da própria lógica de organização capitalista, que constitui a riqueza de poucos a partir da exploração da maioria, bem como está relacionada ao processo de formação do estado brasileiro (NEVES; NEVES, 2016, p. 215).

A Afroblack Slam Diversa recitou, declamou, interpretou, performou três poesias autorais; todas elas com forte crítica ao racismo estrutural (OLIVEIRA, 2021) e evidenciando a importância da presença da cultura de rua⁵ nas escolas (CAMPOS, 2020), bem como da educação para as relações étnico-raciais para além de debates sobre o racismo (SILVA, 2005)

⁵ “Crenças, disposições, ideologias, regras informais, práticas, estilos, símbolos e valores associados, adotados e engajados por indivíduos e organizações que passam uma quantidade desproporcionada de tempo nas ruas dos grandes centros urbanos” (ROSS, 2018, p. 8).

– “Querem que eu só fale de racismo, mas não aguentam quando a pauta é Afrofuturismo⁶” (Afroblack Slam Diversa, 23/03/2024). Ao dialogarmos as poesias de Afroblack Slam Diversa com os estudos de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2005), entendemos que

estudar as Africanidades Brasileiras significa tomar conhecimento, observar, analisar um jeito peculiar de ver a vida, o mundo, o trabalho, de conviver e de lutar pela dignidade própria, bem como pela de todos descendentes de africanos, mais ainda de todos que a sociedade marginaliza. Significa também conhecer e compreender os trabalhos e criatividade dos africanos e de seus descendentes no Brasil, e de situar tais produções na construção da nação brasileira (SILVA, 2005, p. 156).

As perspectivas decolonial e intercultural da ação político-pedagógica na escola intencionavam trazer para o centro os conhecimentos e saberes-fazer não exclusivamente europeus, brancos, heteronormativos. Nessa perspectiva, compreendemos que as Africanidades presentes nas poesias e na arte de Afroblack, mas especialmente no seu corpo negro, no seu modo de ser, de viver, de lutar, resistir e insurgir com e pelo Slam, possibilitaram a materialização e a presença da cultura afrobrasileira de forma intencional na escola.

Ao final da sua última poesia falada, Afroblack Slam Diversa foi aplaudida pelos(as) estudantes. Um estudante negro do nono ano manifestou que deveria ter mais atividades como essa na escola. Em conversa particular com os(as) professores(as) de Educação Física, narrou que achava que a escola não se preocupava com as pautas raciais porque, segundo ele, “era a primeira vez que trouxeram algo que realmente importa para a nossa gente preta, que fala a nossa língua e sente como a gente” (Notas de Campo, 23/11/2023). Tal manifestação reforça o entendimento de Nilma Lino Gomes (2013) sobre a necessidade de visibilidade dos aspectos histórico-culturais afro-brasileiros nas escolas, contribuindo na identificação e reconhecimento dos(as) estudantes, assim como pertencimento no espaço e tempo escolar.

A artista e poeta de rua Afroblack Slam Diversa convidou os(as) estudantes a escreverem as suas próprias poesias, e que tal tarefa fosse realizada a partir de três palavras por eles(as) escolhidas, que foram “coragem”, “amor” e “esperança”. Alguns(as) estudantes do oitavo e do nono anos demonstraram muito interesse e logo foram escrever as suas poesias, a maioria deles(as), pessoas negras. Apenas um menino branco escreveu sua poesia. Todos(as) eles(as) foram mostrar os seus escritos para a Afroblack Slam Diversa, que,

⁶ Movimento estético-político, cultural que se manifesta no campo da literatura, cinema, fotografia, moda, arte e música, a partir da perspectiva negra. Utiliza elementos da ficção científica e da fantasia para criar narrativas de protagonismo negro, por meio da celebração da identidade, ancestralidade e história africana, visando criar novas possibilidades de futuros para as pessoas negras (SOUZA; ASSIS, 2019).

percebendo o movimento dos(as) estudantes, o desejo deles(as) em compartilharem as suas poesias, sugeriu que eles(as) se apresentassem para o público.

Então, após um breve intervalo, reorganizamos a Gincana para que pudéssemos dar conta de algo que não estava previsto, mas que estava pulsante na maioria dos(as) estudantes naquele momento: uma competição de Slam da Escola Abya Yala. Os(as) estudantes escolheram três pessoas da comunidade escolar para serem os(as) jurados(as): duas pessoas negras e uma pessoa branca. Notamos que os(as) estudantes tinham elevado carinho e afeto por todas elas (seja por conta do tempo na escola, seja pela proximidade por alguma questão). Apesar de a atividade ter passado a fazer parte da Gincana, valendo como pontuação no seu resultado final, percebemos que a competição e a pontuação não era o foco dos(as) participantes, pois o que eles(as) estavam manifestando era o desejo de contar as suas histórias pela poesia, suas dores, alegrias, tristezas, medos.

Cinco estudantes participaram desse momento, exatamente um(a) de cada uma das equipes, o que foi realizado voluntariamente, ou seja, quem se apresentou desejou estar fazendo o que estava fazendo naquele momento. Dos(as) cinco estudantes, apenas um era branco e apenas uma menina participou⁷. Além disso, todos(as), com exceção de um menino que recitou sua poesia no improviso, escreveram suas poesias anteriormente. Cada um(a) declamou sua poesia de um jeito, com uma performance diferente, mas, sem exceção, todos(as) se emocionaram durante o seu Slam. Um deles (o menino que trouxe a sua poesia no improviso), inclusive, precisou recomeçar, com auxílio do professor de Educação Física, que entrou, também fazendo poesia no improviso, acolhendo as dores do menino negro que não estava conseguindo prosseguir na sua fala, empoderando-o (SOUZA; ASSIS, 2019) para continuar.

Peço silêncio para a gente falar sobre amor, esperança e coragem. O tal do racismo. Serem desinformados e totalmente equivocados. Agem sem coerência. Negros vezes discriminados, vezes menosprezados na cor da pele. Não está a competência. Vidas são importantes ao serem brilhantes. Essa é... Sem amor. As pessoas tão de terno e gravata, lá de cima, que estão sem compaixão com a nossa raça, sabe? A gente se sente muito menosprezado pelas pessoas de lá de cima. Sobre coragem. De um negro guerreiro, um líder Quilomba, que deixa a escola com força do negro brasileiro. Sua valentia e coragem deixou-nos mensagem de luta e otimismo. Anos já se passaram e não terminaram. E sobre esperança, eu vou recitar uma música que talvez vocês conheçam, que é Cracolândia. As pessoas têm que ter esperança. Tem muitas vezes que as pessoas têm meio que muitos problemas dentro de casa e

⁷ Destacamos que a percepção da raça/cor dos(as) jovens deste estudo foi uma percepção nossa, enquanto pesquisadores(as), a partir das características fenotípicas – cor da pele, aspectos do rosto, formato do nariz, espessura dos lábios, cabelos. Não foi a partir de uma identificação por questionário de autodeclaração por parte dos(as) jovens.

muitas coisas interrompem e entram no mundo das drogas. E não é o caminho, eu acho, que os pais de vocês e as pessoas que vocês amam, e amam vocês, querem que vocês entrem. Então, se vocês sabem, vocês podem me ajudar a cantar: “Espera um pouco, para e pensa e controle com as drogas. O barco sem direção, o mar leva pra rocha. A viagem é muito louca e sempre perigosa. Vai tá transformando em zumbi vários truta. Lembra daquele parceiro que era atacante na quadra e com a mina? Sempre avançado no tempo, pelo linguajar e pela picardia. Que dançava um break com nós, sabadão quando tinha escola da família. Tá desandado no óleo e de bom exemplo, virou parasita”. Muito obrigada (Slam de Shaka Zulu⁸, 23/11/2023).

Pô, estou eu aqui de novo, com a coragem de falar pra vocês. Cês acham que eu sou fraco? Ontem à noite, eu chorei mais uma vez. Com coragem no peito a vida amorcece, e a liberdade é toda de vocês. Mas como liberdade, se eu faço algo que pra eles não é normal? Minha cara já está na primeira página do jornal. Bom, mas acho que isso pode mudar. Com amor, força e esperança a gente pode tentar. Mas aí?! Vamo levantar a cabeça e ir pra frente. Mas aí?! A gente faz isso desde sempre. Não é fácil viver em uma sociedade onde alguns lugares eu não sou bem recebido, pela minha cor, minha sexualidade, minha religião. Qualquer coisa pra eles é motivo de zoação. Pra vocês é fácil dizer que é frescura e que é encenação. Porque afinal, a dor da escravidão não está nas costas de vocês, né, meu patrão. Ou pode estar nas suas mãos, enquanto nos davam chicotada, cusindo na gente no chão. Mas no papo reto, isso aí não é liberdade, isso é a nossa verdade. Sigo na fé e na tranquilidade, batendo de frente com qualquer um. Antes vocês me intimidavam, mas agora, não, não. E essa é a nossa visão, do jeito moleque e um sorriso no rosto. Agora você vê que valeu a pena o nosso esforço. Mudou muita coisa desde aquele tempo que a gente passava muito mais sufoco. Mas hoje com o carro do ano e o din na conta eu já tô com a vida ganha. Só o que falta é a casa pra minha coroa. Isso já é o suficiente, só quero isso para o meu futuro. É família feliz, coroa com casa e o carro do ano. Isso aí não é vacilação, é meu sonho, irmão (Slam de Mansa Musa, 23/11/2023).

Venho falar sobre coragem, que preciso ter até pra sair pra rua. Além de me julgarem pela minha cor, roupa e estilo de vida. Mas não sabem da esperança que tenho de em algum dia esse mundo mudar. Com amor no coração, pra poder ensinar pros meus irmãos a ser forte, até porque nesse mundo a gente sempre vai ser alvo certo. Procurando palavras certas pra entender que o mundo não é sorrisos e diversões. Lá fora as coisas são sujas e as pessoas sem corações (Slam de Queen Nzinga, 23/11/2023).

Eu vou pedir licença pra chegar, quero falar sobre uma coisa que é muito difícil de encontrar, o amor. As pessoas que tanto falam que pregam o mesmo, só que só querem sabe de passar a dor. Aqueles que falam que querem tirar o seu rancor, são os que mais causam isso. Então tipo assim, eu chego aqui e faço no sapatinho, porque assim, é tão difícil no mundo de hoje, tu sair na rua e não ter medo de ser, tá ligado. É que hoje em dia, sair de casa sem ter medo de levar tiro na cara. É tão difícil, pra quem nasceu com essa cor. Sinceramente, tanta gente que eu vejo que quer pregar o amor. Então assim, tem que ser muito corajoso pra aguentar toda essa dor. Então tipo assim, eu chego aqui e faço tudo o que eu tento fazer. Vamos falar de esperança. [emoção]. Interferência do professor de Educação Física: “A esperança tá firme e forte no teu coração, irmão, no momento que tu vem aqui pra frente e representa, sem ter medo da diversidade ou até mesmo da multidão. Segue agora nessa rima, mostrando a tua Afrocentricidade e a tua liberdade, porque no momento que tu vem aqui pra frente e mostra essa verdade, todo mundo se alegra, e todo mundo quer celebrar, independentemente daquilo que tá no coração pra poder mostrar, porque aqui é rima, aqui é escola, aqui é aprendizado, aqui é lição, aqui com certeza é o que tu tem no teu coração”. Retorno do Slam do estudante: É que nos dias de hoje coragem tem que ter, pra sair de casa e entender o seu procedê. Pra tu ter coragem e olhar no olho da cara

⁸ Para proteger a identidade dos(as) estudantes, substituímos seus nomes por nomes fictícios, de reis e rainhas africanos(as).

dos cara que te mata e não ter medo de falar o que tu quer falar sem morrer. Então, enxerga que isso é tão difícil, pra quem nasceu e sabe que esse é seu compromisso. É tão difícil fazer isso nos dias de hoje. É tão difícil o amor no mundo de tantos sofrendores, e que tantos tem tantas dores. Então sabe, as vezes a gente só tem que ter esperança, pra ver o sorriso no rosto de cada criança, pra não dar falha quando sentir medo, mesmo se errar recomeçar e tentar de novo, porque as vezes é só uma questão de quantas vezes tu vai tentar e vai falhar, mas um dia a tua hora vai chegar (Slam de Sundiata Keita, 23/11/2023).

A gente tem que ter coragem para fazer as coisas, que quando vivemos com o coração e não com a cabeça, é esse o sentido da coragem. É o nosso instinto contra a razão. E é lutar contra as chances baixas demais e situações ruins. E é o bicho papão do próprio bicho papão a estratégia de combate para derrotar o inesperado. Mas é. É a ação que refuta a lógica, e o que faz o jogo virar (Slam de Osei Tutu, 23/11/2023).

Ao revisitar os vídeos do dia do Slam na escola e fazer a transcrição das poesias faladas de cada um(a) dos(as) estudantes, percebemos (e sentimos) a potência da manhã da Gincana da Consciência Negra no dia 23 de novembro de 2023. Potência essa que apareceu na arte e nas poesias de Afroblack Slam Diversa, de Shaka Zulu, de Mansa Musa, de Queen Nzinga, de Sundiata Keita, de Osei Tutu e do professor de Educação Física.

Destacamos aqui a arte, e não apenas a poesia da palavra falada, porque partilhando do entendimento de Larrosa (2000) sobre o limite do indizível, compreendemos que ficou evidente que a palavra, apesar de ter dito muitas coisas, o que é inegável quando realizamos a leitura do que foi dito por cada artista nas poesias, ela não consegue dizer tudo, apenas o que é nomeável, dizível e verbalizado. Ou seja, há coisas cujo alcance produzido pelo que experimentamos nas diversas possibilidades de sensorialidade, nos tocam de modo distinto do que a linguagem através da palavra poderia nos oferecer (LARROSA, 2000), a exemplo das constantes emoções que cada artista manifestou ao recitar suas poesias, especialmente no que tocava às dores do racismo.

Considerações possíveis

No movimento de tentar compreender as potências do ensino e da aprendizagem com e pela arte na Escola Abya Yala através da manifestação periférica, artística e cultural do Slam, entendemos que tal dinâmica atravessa (e neste estudo atravessou) diversos campos de saberes-fazer, a um só tempo, de forma tanto agregadora como disruptiva. Agregadora porque possibilitou a interação e integração entre todas as turmas da escola durante uma manhã inteira de atividades; e disruptiva, porque possibilitou a aproximação e o enfrentamento de temáticas, especialmente relacionadas às questões raciais, que não ganham destaque na escola.

Os(as) estudantes e os(as) professores(as) tanto atravessaram a temática do racismo estrutural como experimentarem o corpo no centro do processo educativo por meio do Slam, na presença da artista e poeta de rua Afroblack Slam Diversa no dia da Gincana da Consciência Negra na escola, organizada pelos(as) professores(as) de Educação Física e autores(as) deste estudo.

Nessa perspectiva, compreendemos que a arte periférica do Slam possibilita (e neste estudo possibilitou) que a periferia, as pessoas marginalizadas, retomem as suas vozes e comecem a escrever as suas próprias histórias, sem intermediários, o que representa “o empoderamento da voz dos excluídos por eles mesmos” (NEVES; NEVES, 2016, p. 214). Na escola Abya Yala, a arte periférica do Slam esteve, portanto, como uma manifestação artística e cultural que nitidamente tensionou as categorias raça, classe e gênero em diálogo com a sexualidade, assim como a suposta separação de corpo e mente, razão e emoção que sustentam o projeto colonial de desencantamento dos corpos (RUFINO, 2019).

Compreendemos que, apesar dos processos de colonialidade na educação interferirem significativamente nos sujeitos de modo a silenciarem os saberes-fazeres produzidos a partir da corporeidade, a experiência artística com o Slam na escola mostrou que é possível (e potente) ensinar e aprender com e a partir de corpos encantados pelo desejo de presença, envolvidos com a dimensão sensível, estética e afetiva do mundo vivido, e que estão envoltos na reflexividade, na circularidade e na reversibilidade de sentidos (RUFINO, 2019).

A escola, portanto, enquanto um ambiente formativo, precisa ser um espaço e tempo de efervescência cultural, onde todos(as) possam se olhar e se (re)conhecer, e também possam mostrar aquilo que conhecem e desconhecem de si mesmos(as), possibilitando que novas e outras narrativas sejam ditas e também escutadas, em um movimento de ampliação da polifonia social (XAVIER, 2024), por meio do desenvolvimento e ampliação de valores, formas de ação e de comportamentos, bem como de identidades (RUFINO, 2019).

Em síntese, entendemos que experiências com arte, na ligação entre arte e educação, o que neste estudo foi realizado junto com a manifestação periférica, artística e cultural do Slam no contexto de uma pesquisa-ação participante com intencionalidade político-pedagógica decolonial e intercultural, em uma escola pública de Porto Alegre/RS, possibilitam (e neste estudo possibilitaram) a existência de todos estes atravessamentos de encantamentos e desencantamentos produzidos nos corpos (RUFINO, 2019), seja pela permeabilidade da educação, seja pela expansividade da arte (XAVIER, 2024).

Referências

- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.
- CAMPOS, Ricardo Marnoto de Oliveira. Juventude e culturas de rua híbridas. *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 587-613, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sant/a/gxytH9qrVQmXK9L4Cm3f3qw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 mar. 2024.
- FERREIRA, Nayane Oliveira. *Cultura de rua e o "Slam Interescolar": a literatura periférica na escola*. 2022. 318 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2022.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. Educação Básica no Brasil na década de 1990: subordinação ativa e consentida à lógica do mercado. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas, v. 24, n. 82, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/fwBNt6pKWJKTdYrCkxHjPdQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 mar. 2024.
- GOMES, Nilma Lino. A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/03. In: MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria (org.). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 67-89.
- JANUÁRIO, Eduardo. Política de combate à desigualdade racial e política educacional, Cidade de São Paulo - 2004-2018. *Rev. Parlamento e Sociedade*, São Paulo, v. 8, n. 15, p. 137-155, jul./dez. 2020 Disponível em: <https://parlamentoesociedade.emnuvens.com.br/revista/article/view/185>. Acesso em: 22 set. 2024.
- LANETTE, Caroline. Participatory Action Research as a decolonial method. Site Refugee Hosts, jun. 2022. Disponível em: <https://refugeehosts.org/2022/06/23/participatory-action-research-as-a-decolonial-method/>. Acesso em: 24 mar. 2024.
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.
- MATTOS, Ivanilde (Ivy) Guedes de. *Estética afirmativa: corpo negro e Educação Física*. 2. ed. Curitiba: Appris, 2021.
- NEVES, Lais Mendes Botelho das; NEVES, Jonas Anderson Simões das. A marginalidade enquanto identidade: a literatura de periferia e o empoderamento cultural de seus sujeitos. *Conexões Culturais – Revista de Linguagens, Artes e Estudos em Cultura*, Foz do Iguaçu, v. 2, n. 1, p. 213-228, 2016. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/151/54>. Acesso em: 30 mar. 2024.
- OLIVEIRA, Acauam Silvério de. O evangelho marginal dos Racionais MC's. In: RACIONAIS MC'S. *Sobrevivendo no Inferno*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

OLIVEIRA, Dalila de Andrade. Mudanças na organização e na gestão do trabalho na escola. In: OLIVEIRA, Dalila de Andrade; ROSCAR, Maria de Fátima Félix. *Política e gestão da educação*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2002.

OLIVEIRA, Dennis de. *Racismo estrutural: uma perspectiva histórico-crítica*. 1. ed. São Paulo: Editora Dandara, 2021.

PASSÔ, Grace. Grace Passô e a arte do impossível. Entrevistadora: Carol Ito. *Revista TPM*, 27 nov. 2019. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/grace-passo-estreia-peca-sobre-itamar-assumpcao-e-fala-sobre-teatro-cinema-e-fazer-arte-no-brasil>. Acesso em: 24 mar. 2024.

PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes; GOMES, Daniel Pinto; CARMO, Klertianny Teixeira do. Epistemologia sul-corpórea: por uma pedagogia decolonial em educação física. *Revista COCAR*, Belém, n. 4, p. 93-117, jul./dez. 2017.

RACIONAIS MC'S. *Sobrevivendo no Inferno*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROSS, Jeffrey I. Reframing urban street culture: towards a dynamic and heuristic process model. *City, Culture and Society*, v. 15, p. 7-13, 2018. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1877916617301534>. Acesso em: 30 mar. 2024.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das encruzilhadas: Exu como Educação. *Revista Exitus*, Santarém, v. 9, n. 4, 262-289, out./dez, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.24065/2237-9460.2019v9n4ID1012>. Acesso em: 19 out. 2022.

RUFINO, Luiz. *Vence demanda. Educação e descolonização*. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

SANTOS, Franciele Machado dos. *Arte e luta de classes: o Slam e as batalhas de resistência da periferia*. 2023. 296 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2023.

SCHUCH, Cleusa Conceição Terres. *Implementação da política da autonomia financeira em duas escolas públicas estaduais do Rio Grande do Sul: um estudo de caso*. 2007. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras. In: MUNANGA, Kabengele (org.). *Superando o racismo na escola*. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 155-172.

SOUZA, Esdras Oliveira de; ASSIS, Kleyson Rosário. O Afrofuturismo como dispositivo na construção de uma proposta educativa antirracista. *Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas*, Serra Talhada, v. 6, p. 64-74, jan./dez. 2019. Disponível em: <https://www.journals.ufrpe.br/index.php/entheoria/article/view/3009/482483680>. Acesso em: 30 mar. 2024.

SOUZA, Jessé. *A rale brasileira: quem é e como vive*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e decolonialidade do poder: um pensamento e posicionamento “outro” a partir da diferença colonial. *Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas*, Pelotas, v. 5, n. 1, jan./jul. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/revistadireito/article/view/15002>. Acesso em: 24 mar. 2024.

XAVIER, Abel Lopes. *Presença no palco e no mundo: um ponto riscado no corpo de quem faz teatro*. 2024. 190 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2024.